

ENTRE O CAMPO E A CIDADE: discussões acerca da relação campo-cidade no município de Uberlândia (MG)

ENTRE EL CAMPO Y LA CIUDAD: discusiones referentes a la relación campo-ciudad en el municipio de Uberlândia (MG)

Flávia Aparecida Vieira de Araújo

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia.
Professora da rede estadual de ensino de Minas Gerais.
flaviaraujogeo@yahoo.com.br

Hélio Carlos Miranda de Oliveira

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista CNPq Brasil.
heliocarlosudi@yahoo.com.br

Marcus Vinícius Mariano de Souza

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista CNPq Brasil.
marcusjaba@yahoo.com.br

Beatriz Ribeiro Soares

Professora do Instituto de Geografia e Tutora do grupo PET
Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.
brsoares@ufu.br

Resumo: A revolução científico-tecnológica, iniciada a partir da segunda metade do século XX, imprimiu uma nova complexidade nos estudos da relação campo-cidade, advinda dos processos de urbanização e industrialização, do desenvolvimento do capitalismo no campo e da conseqüente modernização da agricultura, que mesmo não tendo ocorrido de forma homogênea, redefiniu os espaços rurais, imprimindo-lhes uma nova dinâmica. Diante desse contexto, surgiu o interesse pelo estudo da relação campo-cidade a partir da dinâmica socioespacial do distrito de Cruzeiro dos Peixotos no município de Uberlândia (MG). A compreensão dos fluxos migratórios presentes no contexto espacial do distrito tornou-se o objetivo principal da pesquisa, em que foram adotados como procedimentos metodológicos o levantamento bibliográfico acerca do tema na qual se insere, bem como a realização de entrevistas com os moradores das propriedades rurais próximas ao distrito. A realização da pesquisa permitiu-nos perceber que os principais aspectos condicionantes ao deslocamento desses residentes são a busca pelos equipamentos urbanos básicos (bares e mercearias) e serviços (educação e saúde) presentes no distrito.

Palavras-chave: Relação campo-cidade. Transformações socioespaciais. Modernização agrícola. Cruzeiro dos Peixotos. Uberlândia.

Resumen: La revolución científica, iniciado en la segunda mitad del siglo XX, imprimió una nueva complejidad en los estudios de la relación campo-ciudad, advenido de los procesos de la urbanización y de la industrialización, del desarrollo del capitalismo en el campo y de la consiguiente modernización de la agricultura, que mismo no tendo ocurrido de forma homogênea, redefinió los espacios rurais, lo que creo

una nueva dinámica a el. Delante de este contexto, surgió el interés para el estudio de la relación campo-ciudad a partir de la dinámica sócioespacial del distrito de Cruzeiro dos Peixotos en la ciudad de Uberlândia (MG). La comprensión de los flujos migratorios presente en el contexto espacial del distrito se convirtió en el objetivo principal de la investigación, en que fueron adoptados como procedimientos metodológicos, el examen bibliográfico referente al tema, así como la realización de entrevistas con los habitantes de las propiedades rurales próximas al distrito. La realización de la investigación nos permitió percibir que los principales aspectos condicionantes de lo desplazamiento de esos residentes son la búsqueda por equipamiento urbano básico (bar y tienda) y servicios (educación y salud) presentes en el distrito.

Palabras-llave: Relación campo-ciudad. Transformaciones socioespaciales. Modernización agrícola. Cruzeiro dos Peixotos. Uberlândia.

Introdução

O estudo da relação campo-cidade ganhou uma nova complexidade com a revolução científico-tecnológica, iniciada a partir da segunda metade do século XX, uma vez que essa ao intensificar os processos de urbanização e industrialização promoveu o desenvolvimento do capitalismo no campo e a conseqüente modernização da agricultura. Essa modernização, mesmo não tendo ocorrido de forma homogênea, redefiniu os espaços rurais, imprimindo-lhes uma nova dinâmica, diversificou os serviços urbanos, intensificou os fluxos de transportes e comunicações e reestruturou a interação das áreas rurais com os espaços urbanos. A nova dimensão assumida pelas relações sociais, econômicas e culturais estabelecidas entre o campo e a cidade, advinda, especialmente, do “relativo” fim da auto-suficiência das localidades rurais e da dependência dessas aos equipamentos e serviços implantados na cidade, passou a exigir a compreensão de que o rural e o urbano não devem ser mais pensados como recortes territoriais isolados, como tradicionalmente o fora, mas como espaços interdependentes e complementares.

Desta forma, os estudos da relação campo-cidade são essenciais para a compreensão da organização socioespacial, pois tanto o rural quanto o urbano não podem ser entendidos separadamente, pautados na velha dicotomia de que o urbano é significado de moderno e o rural significado de arcaico. Conforme afirma Alentejano (2003, p. 31),

[...] a primeira tarefa no sentido de utilizar o par rural-urbano como elemento de interpretação da realidade é a de desmistificar as associações tradicionalmente feitas entre rural e agrícola, natural e atrasado e urbano como sinônimo de moderno, industrial e artificial.

Nesse sentido, a necessidade do entendimento entre o rural e o urbano constitui o centro desta pesquisa, uma vez que nos propomos a estudar a relação que os moradores da área rural do Distrito de Cruzeiro dos Peixotos, no município de Uberlândia (MG), possuem com a cidade de Uberlândia, a partir das dimensões sociais, econômicas e culturais existentes, possibilitando ao pesquisador entender a singularidade do espaço e, conseqüentemente, a relação do local com o global, conforme afirmam, entre outros, Carneiro (1997, 1998, 2001), Marques (2002) e, particularmente, Rua (2001, 2005, 2005a, 2006) quando diz:

[...] não se pode pensar o urbano e o rural, o local e o global, como polaridades, mas como interações assimétricas que não devem silenciar as intensas disputas socioespaciais que obrigam a permanentes reconfigurações das escalas de ação. O território “urbanizado”, numa escala mais ampla, em geral, está relacionado a espaços de dominação que impõem suas representações. Na escala local, essas representações também se fazem presentes nas relações assimétricas que aí, também, vigoram. Entretanto, é aí, que se processam os movimentos de resistência e de criação de alternativas e/ou estratégias de sobrevivência que podem se manifestar como releituras daqueles movimentos mais gerais que marcam o espaço contemporâneo. O local e o geral/global aparecem integrados pelas escalas da ação. (RUA, 2005a, p.31).

Nesse sentido, é necessário deixar claro que não concordamos com a idéia de que o rural é o oposto¹ ou *continuum* do urbano, mas sim um espaço que influencia e é influenciado pelo urbano, que incorpora valores urbanos, mas mantendo valores rurais. Marques (2002) deixa clara a diferença entre essas duas linhas de pensamento.

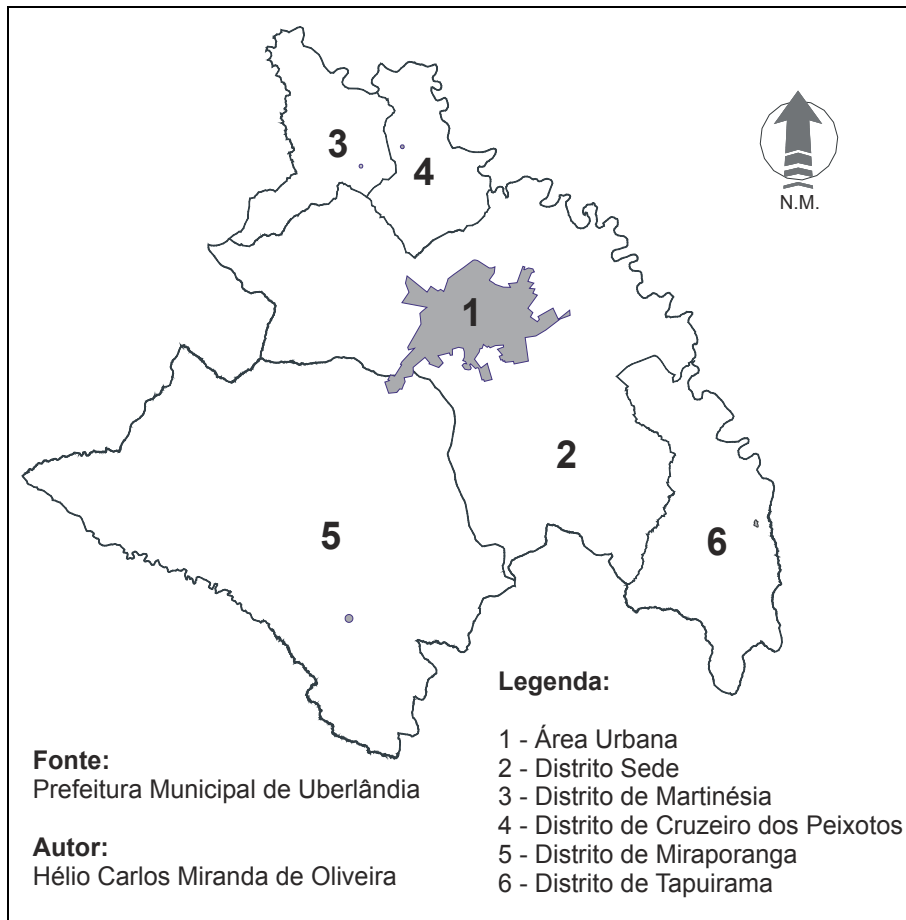
De uma maneira geral, as definições elaboradas sobre o campo e a cidade podem ser relacionadas a duas grandes abordagens: a *dicotômica* e a de *continuum*. Na primeira, o campo é pensado como meio social distinto que se opõe a cidade. Ou seja, a ênfase recai sobre as diferenças existentes entre os espaços. Na segunda, defende-se que o avanço do processo de urbanização é responsável por mudanças significativas na sociedade em geral, atingindo também o espaço rural e aproximando-o da realidade urbana. (Grifo da autora). (MARQUES, 2001, p. 100).

Assim, as relações estabelecidas entre o campo e a cidade são resultados de um conjunto de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, que modificam o espaço urbano e rural. Entretanto, considerá-los como opostos ou *continuum* é problemático, pois como afirmam Abramovay (2000), Carneiro (1997, 2001), Oliveira, Silva e Paula (2006), Rua (2001), o espaço rural recebe influências do meio urbano, mas

também mantém suas características, suas identidades e territorialidades. Nesse sentido, faz-se necessário problematizar as noções de área urbana e área rural, pois de acordo com Carneiro (2001), a idéia de localidade não é a mais importante para o entendimento da relação campo-cidade, mas sim as relações existentes entre esses espaços, uma vez que é a partir da análise das dimensões social, econômica, política e cultural que o geógrafo e a Geografia poderão entender melhor as identidades, os territórios e as territorialidades existentes entre o urbano e o rural, entre a cidade e o campo.

Na perspectiva de analisar a relação campo-cidade, o modo de vida da população e compreender a importância do distrito para a mesma, utilizamos entrevistas com os moradores da zona rural. Foram realizadas sete entrevistas com pessoas de faixa etária variando entre 14 e 47 anos de idade, residentes no campo há mais de dez anos, em propriedades rurais diversas (pequenas e médias). A partir das entrevistas, foi possível perceber que as pessoas entrevistadas têm uma significativa vivência na realidade do campo, possibilitando-nos ter um contato com as semelhanças, singularidades, contradições e inúmeros outros aspectos que caracterizam a área rural do distrito. Foi realizado um levantamento dos aparelhos sociais da área urbana do distrito, o qual possibilitou-nos o entendimento das necessidades reais de relacionamento da população rural com a vila do distrito e com a cidade. Além disso, também foram utilizados os trabalhos produzidos nos Institutos de Geografia e História da Universidade Federal de Uberlândia que pesquisam os distritos do município de Uberlândia. Assim, este estudo procura contribuir para tal discussão no âmbito da Geografia, uma vez que as pesquisas produzidas sobre distritos são ainda bastante incipientes.

O Distrito de Cruzeiro dos Peixotos localiza-se no município de Uberlândia (MG), que possui uma área total de 4.115,09 Km², sendo 3.896 km² de área rural e 219,09 Km² de área urbana. De acordo com o Censo demográfico de 2000, possuía 501.214 habitantes², com 488.982 habitantes na área urbana e 12.232 na área rural do município. O município está dividido em cinco distritos, sendo eles: Uberlândia (distrito-sede), Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, Miraporanga e Tapuira (Mapa 1). A distância entre o Distrito de Cruzeiro dos Peixotos e o distrito-sede é de 24 Km.



Mapa 1- Município de Uberlândia e seus distritos (2006).

Fonte: Oliveira, Silva e Paula (2006, p. 78).

Antes de darmos prosseguimento à nossa reflexão, é importante apresentar a definição de distrito, pois esse foi o recorte territorial que elegemos como espaço de análise.

[...] o distrito é uma subdivisão do município, que tem como sede a vila, que é o povoado de maior concentração populacional. Ele não tem uma autonomia administrativa. Funciona como um local de organização da pequena produção e atendimento das primeiras necessidades da população residente em seu entorno, cujo comando fica a cargo da sede do município. O distrito tem a mesma denominação da sua vila e somente pode ser criado por meio de lei municipal. No entanto, os requisitos exigidos para a criação de um distrito são estabelecidos por meio de lei estadual. O município não pode, por si só, instalar distritos adotando critérios próprios. Faz-se necessário que um povoado atenda todas as exigências determinadas pela legislação estadual para que o município, por meio de lei municipal aprovada pela Câmara de Vereadores local, o eleve à categoria de distrito. (PINTO, 2003, p. 57).

O estudo da área rural do município de Uberlândia é importante para o entendimento da cidade, pois o processo de urbanização deste município intensifica-se, principalmente, a partir de meados dos anos de 1970, com o início da modernização do

campo e com as mudanças nas relações de trabalho. Sendo assim, a população passa a residir, principalmente, na cidade (Tabela 1), levando, conseqüentemente, a uma refuncionalização da rede urbana no Triângulo Mineiro, conforme afirma Soares (1997):

a refuncionalização da rede urbana do Triângulo Mineiro orientou-se principalmente pela modernização do campo, que expulsou uma parcela significativa da população rural; pelo dinamismo de algumas aglomerações; pela intensificação dos fluxos de transportes e comunicações, bem como, pela diversificação dos serviços, que possibilitaram uma maior diferenciação entre as cidades (SOARES, 1997, p. 118).

Tabela 1 - Uberlândia: evolução da população total, urbana e rural (1970-2000)

Situação	Habitantes				Porcentagem (%)		
	1970	1980	1991	2000	Evolução 1970-1980	Evolução 1980-1991	Evolução 1991-2000
Total	124.706	240.961	366.729	501.214	93,2	52,2	36,5
Urbana	111.466	231.598	357.848	488.992	107,8	35,3%	36,4
Rural	13.240	9.363	8.881	12.232	-29,3	-5,1	37,6

Fonte: Soares et al. (2004, p. 129).

A partir da tabela 1 podemos perceber que a migração campo-cidade no município de Uberlândia levou a um decréscimo de 29,3% da população rural no período de 1970 a 1980. No período de 1980 a 1990, o decréscimo foi menor, de 5,1%. A baixa taxa neste período foi reflexo da migração campo-cidade em anos anteriores, principalmente devido às mudanças nas relações de trabalho, à mecanização do campo e o poder de atração da cidade, condicionado pelo discurso da elite local afirmando Uberlândia como uma cidade de população ordeira, moderna e progressista³.

Entre os anos de 1991 a 2000, o quadro foi oposto, pois a população rural teve o crescimento absoluto de 37,6%, que é uma taxa significativa. Entretanto, se analisada de forma relativa, esse crescimento é pouco expressivo, uma vez que a população urbana também cresce 36,4%.

A mecanização do campo aliada ao poder de atração da cidade fez com que os residentes da área rural do município criassem relações diretas com a mesma, levando essa população a se deslocar para o núcleo urbano, consumindo-o, estabelecendo, assim, a nova relação campo-cidade.

Na perspectiva de atingir o objetivo proposto, organizamos nosso texto em duas partes. A primeira trata da modernização do campo e seus reflexos na relação campo-

cidade e a segunda analisa, especificamente, a relação da população da área rural do distrito de Cruzeiro dos Peixotos com a cidade de Uberlândia.

A modernização do campo brasileiro: o caso do Cerrado

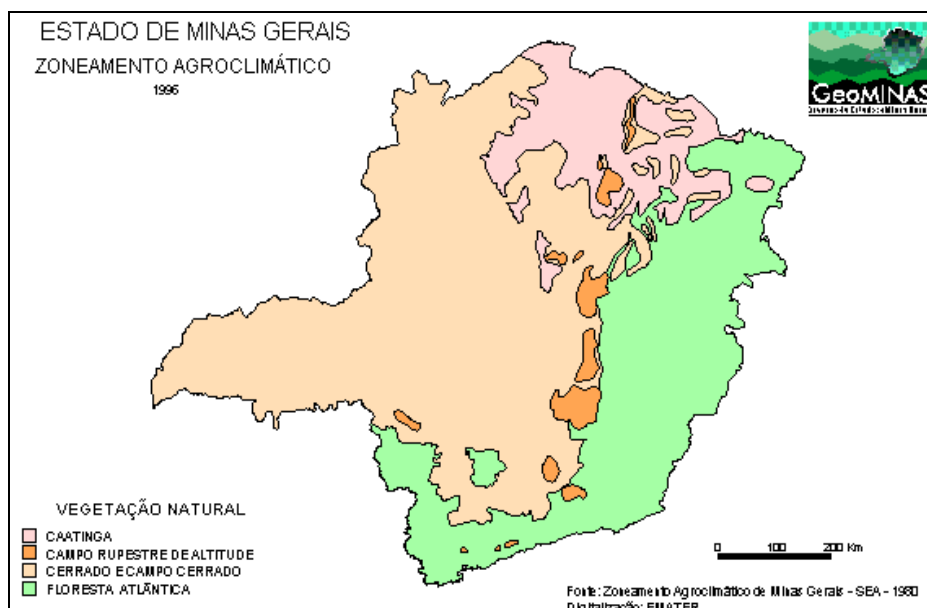
O processo de modernização da agricultura tem início com a chamada Revolução Verde, que objetivava aumentar a produção e a produtividade agrícola mundial, através do desenvolvimento tecnológico, voltado para o melhoramento genético animal e vegetal e a aplicação de técnicas e equipamentos mais eficientes. Este programa começou a ser desenvolvido logo após o final da Segunda Guerra Mundial, sob a tutela do grupo econômico estadunidense Rockefeller, mas seus efeitos passaram a ser sentidos no Brasil principalmente após a década de 1960, fruto da idéia de modernização e desenvolvimento do país, iniciada no governo de Juscelino Kubitscheck.

As terras disponíveis para a agropecuária haviam esgotado no Sul e Sudeste, o que levou à formação de uma fronteira agrícola em direção ao Centro-Oeste e Norte do Brasil (GOBBI, 2004). O cerrado tornou-se interessante para a expansão da agropecuária devido à sua localização e também pelas suas características físicas, ou seja, a presença de extensas áreas de chapada, que favoreciam a mecanização e a conseqüente introdução do pacote tecnológico da Revolução Verde. Mesmo fazendo parte do Sudeste, Minas Gerais tinha uma grande área de cerrados, ainda pouco ocupada pela agricultura (Mapa 2).

O Estado teve fundamental importância neste processo de modernização da agricultura brasileira, sobretudo nas áreas do cerrado. Isto ocorreu através de vários programas governamentais para o desenvolvimento do cerrado, como o PCI (Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados), PADAP (Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba), POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados) e o PRODECER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileira de Desenvolvimento dos Cerrados). Graças a estes programas

[...] foi possível promover a capitalização da agricultura nos cerrados, o que contribuiu tanto para o incremento da produção quanto para um aumento da produtividade e, conseqüentemente, da competitividade da sua agricultura com relação ao restante do país. (GOBBI, 2004, p. 133).

Porém, estes programas atenderam, principalmente, as grandes e médias propriedades, contribuindo para aumentar a desigualdade da distribuição de renda no setor agrícola (SILVA, 1982), o que influenciou a saída de população do campo. Conforme afirma Monteiro (2004, p. 10) [...] “no Brasil, nas áreas ‘favorecidas’ de concentração de recursos, a agricultura de exportação e a agroindústria viabilizaram o surgimento das grandes empresas agrícolas, com conseqüente concentração da posse da terra”. O estabelecimento da agricultura voltada para o mercado externo intensificou a utilização de capital, que refletiu, por exemplo, na utilização de mão-de-obra (MONTEIRO, 2004). Este processo exigiu a qualificação de mão-de-obra, o que gerou também um aumento da sazonalidade no emprego de trabalhadores rurais. Como a população do campo não tinha qualificação para atender esta demanda e nem conseguia competir com a agricultura de exportação, viu-se obrigada a migrar para as cidades.



Mapa 2: Minas Gerais: zoneamento agroclimático (1996).

Fonte: www.geominas.mg.gov.br

De acordo com Monteiro (2004, p. 11) [...] “o auge da migração rural-urbana aconteceu no período 1970/1980. Mais de 100.000 pessoas a cada mês, durante dez anos, saíram do campo em direção às cidades”. Na tabela 2 podemos verificar a redução da população rural de acordo com os censos do IBGE entre os anos de 1940 e 2000.

Esta expulsão da população do campo para a cidade, ocasionada principalmente pela modernização agrícola, fez com que a cidade passasse a ter uma nova dinâmica na

rede urbana. Por exemplo, na década de 1980, de acordo com Juliano e Leme (2002), a taxa de crescimento da população urbana de Uberlândia foi de 7,47%, enquanto a da população rural foi de -3,54%.

Tabela 2 - Brasil: população total (rural e urbana) residente (1940-2000)

Censos	População Urbana	População Rural		População Total
		Nº	%	
1940	12.880.182	28.356.133	68,8	41.236.315
1950	18.782.891	33.161.506	63,8	51.944.397
1960	32.004.817	38.987.526	54,9	70.992.343
1970	52.904.744	41.603.839	44,0	94.508.583
1980	82.013.375	39.137.198	32,3	121.150.573
1991	110.875.826	36.041.633	24,5	146.917.459
1996	123.082.167	33.997.406	21,6	157.079.573
2000	137.755.550	31.835.145	18,8	169.590.693

Fonte: Monteiro (2004, p. 11).

O processo de modernização do campo incorporou novas áreas ao processo produtivo, criando novas áreas e revitalizando outras pré-existentes (SOARES, 1997). A partir de então, a rede urbana do cerrado passa a apresentar uma nova dinâmica, pois acontece a divisão das funções produtivas entre as cidades que compõem esta rede. Esta nova dinâmica da rede urbana é chamada refuncionalização, conforme afirma Soares (1997):

[...] a partir dos anos 1970, começa a ocorrer uma refuncionalização dos seus centros urbanos, em decorrência das transformações no campo, da industrialização planejada e das inovações tecnológicas impostas à economia regional, o que levou a projeção de alguns centros econômicos. (SOARES, 1997, p. 118).

Desta maneira, Uberlândia é beneficiada não só por este processo de modernização do campo, mas também pela implementação de infra-estruturas, tais como as rodovias, que aumentaram a articulação interna na rede urbana do Triângulo Mineiro e possibilitaram a conectividade com outras regiões do país. Graças a estes e outros fatores, Uberlândia passa a apresentar um intenso movimento agro-exportador, consolidando sua posição de centralidade na rede urbana, conforme afirmam Juliano e Leme (2002):

assim, o papel de Uberlândia se consolida com a modernização da agricultura e a agroindustrialização do seu entorno, que reforçou sua posição na intermediação inter-regional, não apenas no plano logístico do comércio atacadista e nas atividades de transporte, mas também na esfera financeira, com a proliferação de estabelecimentos bancários e a multiplicação das atividades dessa área. (JULIANO ; LEME, 2002, p. 03).

A agroindústria em Uberlândia passou por um processo de crescimento, quantitativo e qualitativo, a partir da década de 1970. De acordo com Camacho (2004), nas três últimas décadas do século XX, ocorreu a diversificação e a consolidação em torno da cidade de Uberlândia de atividades como a produção e comercialização de fertilizantes e corretores de solo, de sementes, grãos e implementos agrícolas, além da transformação desses grãos em derivados. A comercialização de sementes teve um crescimento de 620% entre 1980 e 2000, a de produtos veterinários cresceu 1.300% e a de máquinas agrícolas 180%, no mesmo período (CAMACHO, 2004).

Houve também uma mudança no que era produzido no meio rural de Uberlândia. Substituiu-se o algodão e o arroz pela laranja, soja e milho, produtos que podem ser transformados em uma quantidade maior de derivados. O crescimento industrial de Uberlândia deve-se, sobretudo, ao crescimento da participação da indústria de transformação. Assim, colocamos Uberlândia no conceito de região agrícola de Milton Santos (1993) em que a cidade se adapta às necessidades da atividade rural, desenvolvendo bens e serviços que complementam esta atividade.

Apesar do crescimento negativo da população rural, não é correto pensarmos que esta população ficou “atrasada”, econômica e culturalmente, em relação à população que vivia na cidade. Podemos observar no cotidiano dos moradores dos distritos de Uberlândia que esta assertiva é verdadeira, pois os moradores freqüentam a cidade, consomem seus bens e serviços e, ao mesmo tempo, mantêm no distrito as relações socioespaciais, herdadas do mundo rural.

Entre Cruzeiro dos Peixotos e Uberlândia: discussões acerca da relação campo-cidade

É inegável que os processos de urbanização e modernização agrícola, intensificados a partir da década de 1970, contribuíram, sobremaneira, para a relativa perda da visão idílica do rural, uma vez que o mesmo acabou recebendo influência das cidades e o modo de vida urbano estendeu-se às localidades rurais, mesmo àquelas mais longínquas. Apesar da não-homogeneidade desse fenômeno, a própria organização socioespacial do campo passou a ser determinada pela dinâmica da cidade e pela rede

urbana estabelecida entre essa e os demais centros urbanos. Conforme afirmou Endlich (199-):

[...] no atual período técnico, a compreensão do rural e do urbano não se restringe mais a uma cidade e seu campo imediato. As relações possuem uma amplitude maior e devem ser pensadas no conjunto da rede urbana. Assim, o modo de vida urbano estende-se até os limites geográficos alcançados pelos interesses, ações e conteúdos presentes nas cidades. (ENDLICH, 199-, p. 07).

Diante dessa afirmação, percebemos a necessidade de levar em consideração os processos de urbanização e modernização do campo em Uberlândia, pois os mesmos tornaram-se fatores determinantes à nova dinâmica socioespacial da zona rural e urbana do distrito de Cruzeiro dos Peixotos. Conforme afirmam Montes, Oliveira e Silva (2005, p. 03) [...] “é impossível estudar a estrutura socioespacial dos distritos sem levar em consideração o processo de urbanização da cidade de Uberlândia e as mudanças que este conseguiu provocar no município como um todo”⁴.

As inúmeras transformações no campo do município de Uberlândia, tais como a constituição de complexos agroindustriais, o aumento das relações de assalariamento, dentre outras, devem ser percebidas como reflexo da reestruturação produtiva pela qual passou o campo brasileiro em nível macro. Porém, as mesmas não podem ser utilizadas para justificar a inexorável urbanização (material e simbólica) das áreas rurais, uma vez que as mudanças ocorridas nas zonas urbana e rural dos distritos não é um processo homogêneo que conseguiu suprimir o modo de vida característico dos residentes dessas áreas, conforme demonstraremos mais à frente.

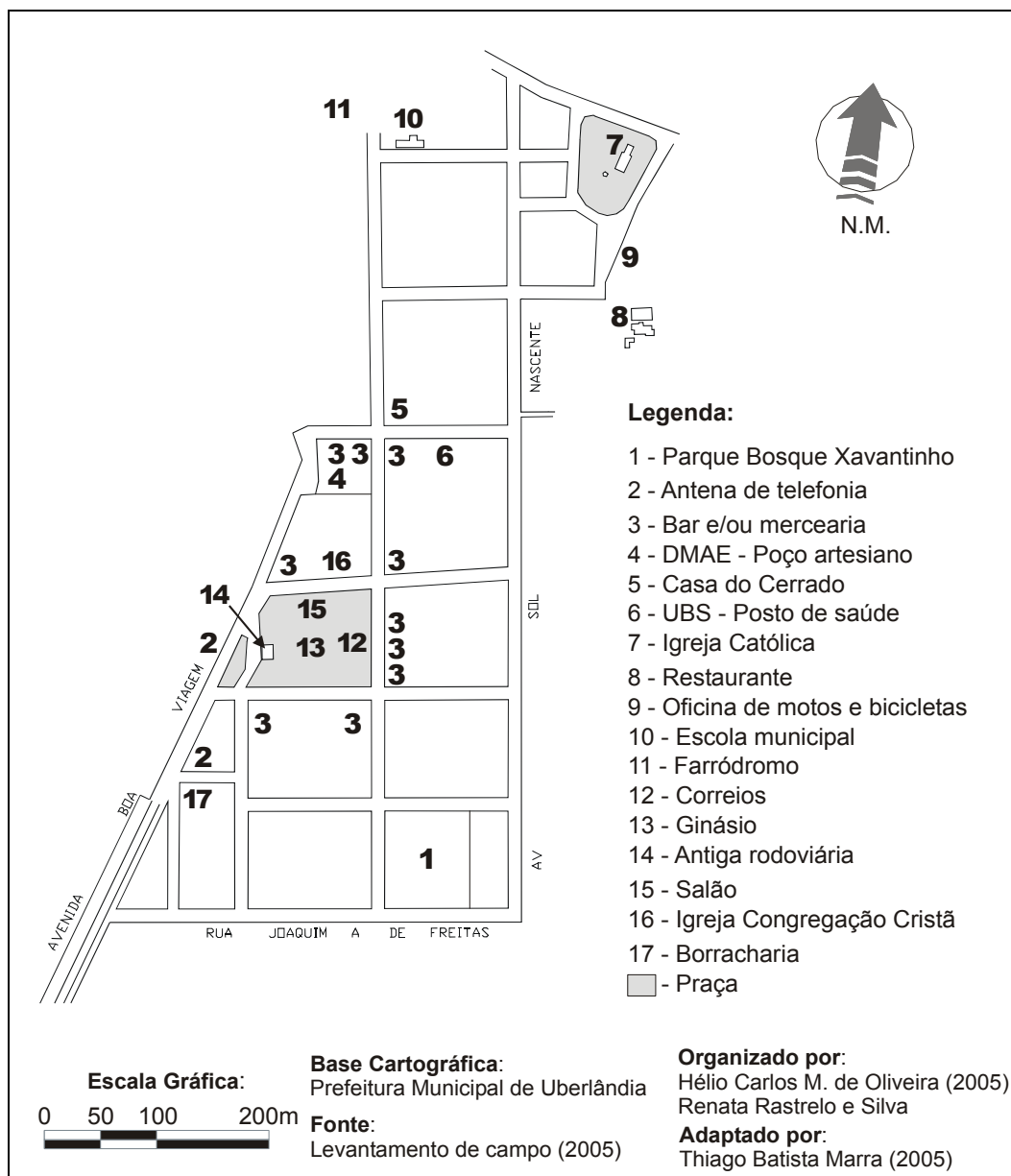
É importante salientar que os aspectos condicionantes ao estudo da zona rural do distrito de Cruzeiro dos Peixotos foram, dentre outros, a verificação do peso que a população residente nas áreas rurais próximas representa na população total do mesmo (Tabela 3) e as causas da permanência dessa população na área rural frente à modernização e tecnificação agrícola do campo uberlandense.

Tabela 3- Cruzeiro dos Peixotos: população total (urbana e rural) residente (1991-2000)

	Habitantes			Percentual (%)		
	1991	1996	2000	1991	1996	2000
Total	997	755	1174	100	100	100
Urbana	295	374	388	29,59	49,54	33,16
Rural	702	381	786	70,41	50,46	66,84

Fonte: IBGE - Censo Demográfico (1991 e 2000) e Contagem Populacional (1996).

Podemos afirmar que a diversificação dos bens e serviços, a intensificação do fluxo de transportes e comunicações - elementos conseqüentes da urbanização de Uberlândia - e a carência de infra-estrutura no distrito contribuem para a maior dependência dos moradores em relação aos equipamentos urbanos da cidade. O distrito conta com ruas e avenidas asfaltadas, energia elétrica, saneamento básico e sistema de telefonia. Os equipamentos urbanos presentes são: uma escola de ensino fundamental, um posto de saúde, um Cartório de Paz e Registros, uma unidade da agência de Correios e Telégrafos , uma oficina mecânica, uma borracharia, duas antenas de telefonia celular, uma caixa d'água (poço artesiano), duas praças, dois salões de festas, duas igrejas, um campo de futebol, uma quadra de esportes, um restaurante e as residências dos moradores. O mapa 3 permite observar a configuração espacial do distrito com os equipamentos urbanos presentes.



Mapa 3-Cruzeiro dos Peixotos: levantamento dos equipamentos da vila (2005).
Fonte: Oliveira, Silva e Paula (2006, p. 79).

Nas pesquisas realizadas, pudemos verificar que o distrito não atende a todas as necessidades da população residente, obrigando-a a se deslocar até a cidade de Uberlândia, que polariza os serviços de educação, saúde e, primordialmente, outros setores produtivos não existentes no mesmo, uma vez que os equipamentos urbanos são elementares (conforme ilustrado no mapa). Percebeu-se uma certa unanimidade, entre os entrevistados, em relação à necessidade de se deslocarem até a cidade para realizar as compras mensais, pois ao serem interrogados sobre os principais produtos que buscavam

no distrito, afirmaram comprar apenas os produtos alimentares de necessidade mais imediata, apontando como justificativa o maior preço que os mesmos possuem nos bares e mercearias do distrito, quando comparados aos preços e à diversidade dos supermercados da cidade. Os maiores preços e menor diversidade dos produtos pode ser explicada pela reduzida escala de compra dos comerciantes locais do distrito, a qual influencia diretamente no preço de revenda adotado por eles.

O deslocamento até a cidade de Uberlândia é facilitado e de certa forma, intensificado pela proximidade do distrito com a mesma, bem como pelo transporte coletivo urbano utilizado pelos moradores da zona rural e urbana do distrito. De acordo com Silva (2004), a pavimentação da rodovia que dá acesso aos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos, que recebeu o nome de Rodovia Municipal Neusa Resende (rodovia municipal 090), facilitou o acesso dos moradores desses distritos a Uberlândia, o qual foi também facilitado, recentemente, pela implantação do SIT (Sistema Integrado de Transporte). Nos dias úteis e aos sábados, a linha de ônibus D280 – Martinésia/Cruzeiro dos Peixotos/Terminal Umuarama realiza cinco viagens diárias e aos domingos e feriados, são realizadas quatro viagens.

Essas carências existentes no distrito, aliadas à falta de empregos, tornam-se aspectos condicionantes ao deslocamento dos residentes da zona rural e urbana do distrito para o município de Uberlândia. Além disso, conforme afirmam Montes, Oliveira e Silva (2005), a cidade de Uberlândia, com sua imagem progressista, acolhedora e moderna, exerce um forte poder de atração sobre os habitantes dos distritos de Uberlândia⁵.

Apesar das inúmeras possibilidades de “lazer urbano” encontradas na cidade de Uberlândia, como o passeio a shoppings, teatros, bares, casas noturnas, cinemas influenciar na vida dos moradores da zona rural do município, especialmente dos mais jovens, percebemos que os mesmos ainda buscam o distrito como um espaço de lazer. Duas jovens de 20 anos de idade e um adulto de 40 anos apontaram em suas falas esse aspecto como um dos principais motivos de seu deslocamento até o distrito. Duas estudantes de cursinho pré-vestibular em Uberlândia disseram que se deslocam até a cidade seis vezes por semana e que, aos domingos, gostam de ir à Cruzeiro dos Peixotos para passear, conversar com os amigos na praça e ir à igreja. O caseiro da fazenda onde realizamos uma entrevista apontou em sua fala a satisfação em ir ao distrito

quinzenalmente para visitar os amigos e divertir-se bebendo cerveja com eles nos bares. Isso permite-nos supor que a extensão do modo de vida urbano em Uberlândia à sua área rural ainda não conseguiu destruir a identidade territorial dos moradores do mesmo com o modo de vida rural e sua autonomia na escolha de suas práticas de vivência. Conforme afirma Rua (2003),

o rural, ao guardar especificidades das práticas espaciais de suas populações garante (e em alguns casos fortalece) a identidade territorial que, mesmo subordinada às lógicas difundidas a partir da cidade, ainda permite a essas populações uma certa autodeterminação. (RUA, 2001, p. 34).

A maior interação campo-cidade, indiscutivelmente observada a partir das transformações nas relações sociais e de trabalho no campo, exige-nos a compreensão das particularidades dessa interação e as territorialidades advindas da mesma. Na concepção de Rua (2006), as recentes manifestações no mundo rural que antes eram peculiares ao mundo urbano podem ser denominadas de “urbanidades no rural”, as quais denotam a presença do urbano no campo, sem que essa presença leve à eliminação das marcas próprias a cada espacialidade (urbana e rural). O espaço resultante dessas interações é dotado de um hibridismo que não pode ser identificado a um “urbano ruralizado” nem mesmo a um “rural urbanizado”.

Percebe-se, a partir dessa afirmação, que o rural e o urbano interagem, mas os sujeitos sociais pertencentes a cada universo cultural preservam seus valores e formas de organização social, não permitindo-nos recorrer à visão ainda defendida por muitos autores de que o sentido último da urbanização é difundir-se às localidades rurais e destruir as práticas de vivência que ainda permanecem entre os rurais. Apesar da influência da cidade e do modo de vida urbano, o rural possui uma especificidade e dinâmica própria, devendo, por isso ser pensado e definido a partir da perspectiva de que esse espaço desempenha uma função social de suma importância frente à cidade. Isso é corroborado por Abramovay (2002, p. 09), ao afirmar que

é preciso definir o meio rural de maneira a levar em conta tanto a sua especificidade (isto é, sem encarar seu desenvolvimento como sinônimo de “urbanização”), como os fatores que determinam sua dinâmica (isto é, sua relação com as cidades). Os impactos políticos da resposta a esta pergunta teórica e metodológica são óbvios: se o meio rural for apenas a expressão, sempre minguada, do que vai restando das concentrações urbanas, ele se credencia, no máximo, a receber políticas sociais que compensem sua inevitável decadência e pobreza. Se, ao contrário, as regiões rurais tiverem a capacidade de preencher funções necessárias a seus próprios habitantes e também às cidades – mas que estas próprias não podem produzir – então a noção de *desenvolvimento* poderá ser aplicada ao meio rural. (Grifo do autor).

Outro aspecto interessante verificado a partir das entrevistas é que o distrito representa, para muitos, um espaço de convivência com os moradores da vila e de vivência das práticas culturais, sendo as festas religiosas realizadas nele um importante espaço de socialização das mesmas. Os entrevistados afirmaram gostar de participar das festas tradicionais de Santo Reis realizadas na igreja do distrito, o que denota a importância da religião no cotidiano e na vida dessas pessoas⁶. A própria origem do distrito está ligada à religiosidade dos primeiros habitantes, fenômeno verificado não só no espaço em questão, mas em diversos outros locais nos quais a religião é o elemento fundante e condicionante à identidade territorial dos agentes sociais que neles se instalam. Conforme afirma Carneiro (2001),

[...] mesmo permanecendo na posição de subordinação e de complementaridade ao urbano [...], o mundo rural não representaria mais uma ruptura com o urbano e as transformações que lhes são atribuídas na atualidade não resultariam na sua necessária descaracterização, mas em uma possível reemergência de sociabilidade e de identidade tidas como rurais. (CARNEIRO, 2001, p. 04).

Mesmo tendo influências do modo de vida urbano, os habitantes do meio rural, devido à estreita relação com os citadinos, procuram manter a tradição, o que poderia ser visto como uma forma de resistência à homogeneização de valores e práticas sociais, propiciados de certa forma, pelo fenômeno da globalização e pela reprodução capitalista. Essa argumentação pode ser fundamentada pelas idéias de Rua, ao afirmar que

se há um movimento de unificação urbano-rural pela lógica capitalista, como acreditamos, com um certo sentido de equalização do espaço, há, por outro lado, muitas manifestações de resistência a essa equalização pretensamente homogeneizadora, que se traduzem por estratégias de sobrevivência das famílias rurais, principalmente daqueles mais pobres e/ou empobrecidas no movimento de integração acima referido, quando buscam manter ou (re) construir suas identidades territoriais. (RUA, 2006, p. 88).

Nesse contexto, deve-se sempre levar em consideração que o local está interligado ao global, ou seja, que a área rural do distrito de Cruzeiro dos Peixotos integrou-se de forma parcial às políticas globais de modernização da agricultura. Porém, apesar da inexorabilidade da redefinição e reestruturação do campo; não houve uma dissolução das identidades locais ligadas ao modo de vida rural.

Considerações Finais

A realização da pesquisa permitiu-nos perceber que os processos de urbanização, industrialização e conseqüente modernização da agricultura, impulsionados pela revolução científico-tecnológica, ao mesmo tempo em que diversificaram os serviços e intensificaram os fluxos de transportes e comunicações nas cidades, imprimiram uma nova dinâmica socioespacial aos espaços rurais, que não foi diferente no município de Uberlândia. Nesse contexto, pode-se considerar que a nova dinâmica socioespacial da zona rural do distrito de Cruzeiro dos Peixotos é resultante das políticas de modernização agrícola implantadas nesse espaço, que deve ser considerado tanto como um subespaço do global, quanto também, como um espaço local com especificidades sociais, econômicas e culturais. Essa modernização, aliada à carência de bens, serviços e equipamentos urbanos existentes na área urbana do distrito, acabou por intensificar a dependência dos moradores da área rural do distrito à cidade de Uberlândia.

Apesar da redefinição do rural, advinda principalmente do relativo fim da auto-suficiência das localidades rurais e da dependência dessas localidades dos equipamentos e serviços implantados nas cidades, não podemos afirmar que houve uma dissolução do rural e de seu modo de vida, bem como aceitar a idéia de um *continuum* entre o urbano e o rural, uma vez que os habitantes, mesmo recebendo influência da cidade e do modo de vida urbano, mantêm valores, tradições e práticas ligadas ao modo de vida rural, podendo-se falar em “urbanidades no rural”.

Portanto, revitalizar a área urbana do distrito de Cruzeiro dos Peixotos é importante não só para a melhoria da qualidade de vida da população, mas também para evitar o esvaziamento do campo e o aumento da desigualdade socioeconômica na cidade de Uberlândia, advinda dessa migração campo-cidade. Ressaltamos ainda a importância dos estudos da relação campo-cidade para o entendimento da dinâmica socioespacial do território e a necessidade de considerarmos as especificidades locais para a sua compreensão.

Notas

¹ Visão dicotômica

² A estimativa populacional total do município feita pelo IBGE para 1º de julho de 2005 era de 585.262 habitantes.

³ Para saber mais sobre o assunto confira Soares (1995).

⁴ Sobre o processo de urbanização de Uberlândia confira: Bessa (2004) Camacho (2004) e Soares (1995 e 1997).

⁵ Sobre as imagens e representações da cidade de Uberlândia confira o trabalho de Soares (1995).

⁶ Essa constatação também foi feita por Silva (2004) quando analisou um outro distrito do município de Uberlândia, o distrito de Martinésia, distante aproximadamente oito quilômetros de Cruzeiro dos Peixotos, ligados pela mesma rodovia.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Texto para discussão 702. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. 37p.

_____. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. In: ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 17-36.

ALENTEJANO, Paulo Roberto. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 21, p. 11-23, jul./dez. 2003.

BESSA; Kelly C. F. O. Constituição e expansão do meio técnico-científico-informacional em Uberlândia: o local na era das redes. In: SANTOS, Rosselvelt J.; RAMIRES, Júlio C. de L. (Org). **Campo e cidade no Triângulo Mineiro**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 59-91.

CAMACHO, José Fernando. **Do povoado ao aglomerado: uma análise socioeconômica da rede urbana de Uberlândia**. 2004. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

CARNEIRO, Maria J. Do rural e do urbano: uma nova terminologia para uma velha dicotomia ou a reemergência da ruralidade. In: SEMINÁRIO SOBRE O RURAL BRASILEIRO, 2., 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: NEA/IE/UNICAMP, 2001. 16p. 1 CD-ROM.

_____. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA; Francisco C. T.; SANTOS, Raimundo; COSTA, Flávio de C. (org). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998. p. 95-117.

_____. Ruralidade: novas identidades em construção. In: CONGRESSO

BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 35., 1997, Natal. **Anais...** Natal: SOBER, 1997. p. 1-12. 1 CD-ROM.

ENDLICH, Ângela Maria. **Reflexões teóricas acerca do rural e do urbano.** 13p. [199-].

GOBBI, Wanderléia Aparecida de Oliveira. Modernização agrícola no cerrado mineiro: os programas governamentais da década de 1970. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 5, n. 11, p. 130-149, fev. 2004. Disponível em: http://www.ig.ufu.br/revista/volume11/artigo09_vol11.pdf. Acesso em: 02 ago. 2005.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A modernização dolorosa:** estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. 192 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico:** 1991 e 2000. Disponível na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. 02 agosto 2005.

_____. **Contagem Populacional:** 1996. Disponível na Internet: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. 02 agosto 2005.

JULIANO, Adir Aparecida; LEME, Heládio José de Campos. Transformações econômicas e dinâmica migratória recente na área de Uberlândia: um perfil sócio-econômico da população migrante. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002. p. 1-22. 1 CD-ROM.

MARQUES, Marta I. M. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**, São Paulo, n. 19, p. 95-112, 2002.

MONTEIRO, Manoel Antônio de Almeida. Migração rural-urbana e política agrícola. **Travessia Revista do Migrante**, São Paulo, n.50, p. 10-16, set./dez., 2004.

MONTES, Silma Rabelo; OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; SILVA, Renata Rastrelo e. Cidade média e desenvolvimento local: relações sócio-espaciais de Uberlândia (MG) e seus distritos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CIDADES MÉDIAS, 1., 2005, Presidente Prudente. **Anais...** Presidente Prudente: GASPER/UNESP, 2005, p. 1-15. 1 CD-ROM.

NEVES, Leonardo Azevedo. Um novo tempo para novas urbanidades: o papel da paisagem nos estudos do mundo rural. In: MARAFON, Gláucio J.; RIBEIRO, Miguel A. (Org). **Revisitando o território fluminense.** Rio de Janeiro: NEGEF, 2003. p.11-30.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; SILVA, Renata Rastrelo e; PAULA, Dilma Andrade de. Entre o rural e o urbano: modos de vida no distrito de Cruzeiro dos Peixotos no município de Uberlândia (MG). In: SOARES, Beatriz Ribeiro; OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; MARRA, Thiago Batista. (Org). **Ensaio Geográficos.** Uberlândia: PET Geografia, 2006. p. 73-92.

PINTO, George José. **Do sonho à realidade**: Córrego Fundo-MG – Fragmentação territorial e criação de municípios de pequeno porte. 2003. 248f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

RUA, João. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **Campo-Território**: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006. Disponível em: <http://www.campoterritorio.ig.ufu.br/include/getdoc.php?id=24&article=23&mode=pdf>. Acesso em: 15 abr. 2006.

_____. Urbanidades e novas ruralidades no estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas. In: MARAFON, Cláudio J.; RIBEIRO, Marta F. (Org). **Estudos de geografia fluminense**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 27-42.

_____. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza, n. 2, p. 45-66, 2005.

_____. Urbanidades no rural: em um trecho da região serrana fluminense - a rodovia Teresópolis-Nova Friburgo. In: ENCONTRO DE GRUPO DE PESQUISAS, 1., 2005a, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: NEGEF/UERJ, 2005a. 50p. 1 CD-ROM.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO URBANO. **Banco de Dados Integrados de Uberlândia (BDI) 2004**. Uberlândia. 2004.

SHIKI, Shigeo; SILVA, José Graziano da; ORTEGA, Antônio César. (Org). **Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade do cerrado brasileiro**. Uberlândia: EDUFU, 1997. 327 p.

SILVA, Lílian Leandra. O papel do Estado e o processo de ocupação das áreas de cerrado entre as décadas de 60 e 80. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 24-36, fev. 2001. Disponível em: http://www.ig.ufu.br/revista/volume02/artigo02_vol02.pdf. Acesso em: 02 ago. 2005.

SILVA, Renata Rastrelo e. **Memórias, vivências e festas religiosas em Martinésia**. 2004. 64f. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

_____. Martinésia e as festas de São João Batista. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 6, n. 14, p. 11-26, fev. 2005. Disponível em: http://www.ig.ufu.br/revista/volume14/artigo2_vol14.pdf. Acesso em: 02 ago. 2005.

SINGER, Paul. Campo e cidade no contexto histórico latino-americano. In: _____. **Economia política da urbanização**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 91-113.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Uberlândia**: da cidade jardim ao portal do cerrado - Imagens e representações no Triângulo Mineiro. 1995. 347f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. Urbanização no cerrado mineiro: o caso do Triângulo Mineiro. In: Silva, J. B. da; COSTA, M. C. L.; DANTAS, E, W. C. **A cidade e o urbano**: temas para debates. Fortaleza: EUFC, 1997. p. 105-130.

SOARES, Beatriz Ribeiro et al. Dinâmica urbana na bacia do rio Araguari (1970-2000). In: LIMA, Samuel do Carmo; SANTOS, Rossevelt José. **Gestão ambiental da bacia do rio Araguari**: rumo ao desenvolvimento sustentável. Brasília: CNPq, 2004. p. 125-161.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MONTES, Silma Rabelo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Rural e/ou Urbano? Uma reflexão sobre a realidade sócio-espacial dos distritos do município de Uberlândia (MG). In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP. p. 15119-15134. 1 CD-ROM.

TADEU, Rogério. Moradores dos distritos sofrem com desemprego. **Jornal Correio**, Uberlândia, p. 3, 04 ago, 2003.

Entrevistas

Alessandra Santos, 20 anos, estudante. Entrevista realizada no dia 07/10/2005, em sua residência na fazenda.

Amanda Santos, 20 anos, estudante. Entrevista realizada no dia 07/10/2005, em sua residência na fazenda.

Artur Guilherme, 46 anos, engenheiro agrônomo. Entrevista realizada no dia 08/10/2005, em sua residência na fazenda.

Augusto Flávio Campos Mineiro, 47 anos, veterinário. Entrevista realizada no dia 08/10/2005, em sua residência na fazenda.

Ednalva Monteiro dos Santos, 44 anos, dona de casa. Entrevista realizada no dia 07/10/2005, em sua residência na fazenda.

José Rosildo, 40 anos, caseiro. Entrevista realizada no dia 09/10/2005, na fazenda onde trabalha e reside com sua família.

Entrevistado A, 14 anos, estudante. Entrevista realizada no dia 09/10/2005, em sua residência na fazenda.